

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA NA GRANDE VITÓRIA

Vestibular do crime recruta bandidos

Para conquistar a confiança e entrar nas quadrilhas, criminosos passam por testes que incluem assaltos, roubo de veículos e homicídios

Leone Oliveira

Milhares de capixabas realizaram, no início deste mês, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para serem aceitos na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) ou em outras instituições do País.

No mundo do crime, quadrilhas têm recorrido a testes para recrutar criminosos. Segundo delegados e policiais militares, algumas gangues têm exigido que bandidos passem por uma espécie de vestibular para serem aceitos no grupo.

Em outubro deste ano, a equipe da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) da Serra, prendeu dois suspeitos de matar o jovem Luciano Ribeiro da Silva, de 16

anos. O crime havia acontecido cinco meses antes.

Na época da prisão dos dois acusados, o titular da DCCV da Serra, delegado Marcus Vinícius Rodrigues de Souza, explicou que a vítima foi morta após roubar a moto de um dos suspeitos presos, um motoboy, 20, como teste para entrar no tráfico de drogas. Contudo, segundo a polícia, o motoboy seria do próprio movimento e isso teria motivado a morte de Luciano.

O delegado adjunto da DCCV de Cariacica, Marcelo Alencar da Cunha Cavalcanti, revelou que já teve conhecimento de casos em que os bandidos tiveram que assaltar fiéis na saída da igreja e fazer tatuagens para serem aceitos na quadrilha.

“Tudo isso é como se fosse um batismo para entrar no grupo criminoso. A partir daí, eles vão ser considerados integrantes da quadrilha”, explicou o delegado.

Cavalcanti ainda lembrou que há gangues em que os integrantes têm que assaltar vigilantes para conseguir a própria arma e até mesmo matar rivais na guerra pelo controle do tráfico. “Geralmente, são etapas. Eles começam com pequenos crimes até chegar ao ‘ápice’, que é o homicídio”, analisou.

O titular da DCCV de Vitória, delegado Paulo Expedito Amaral, disse que os “testes” servem para ganhar confiança de traficantes.

“As provas, geralmente, são para pessoas de outros bairros. É uma prova de confiança para o trafican-



CONSEGUIR a própria arma é um dos testes que as quadrilhas impõem aos criminosos que desejam fazer parte das gangues que agem na Grande Vitória

te ter certeza que elas não vão trair o movimento”, disse ele.

Já o cabo Porto, da Polícia Militar, contou que essa é uma prática comum principalmente para os menores de idade. “Eles não têm uma boa estrutura familiar em casa, se espelham nos traficantes e querem provar que têm condições de estar ao lado deles”, explicou.

Mulheres não escapam de testes nas quadrilhas

Para integrar as quadrilhas, as mulheres não ficam imunes e também precisam passar pelos testes. A informação foi passada pelo cabo Porto, da Polícia Militar.

“Para as mulheres é a mesma coisa dos homens. Elas precisam fazer assaltos e traficar para entrar nas quadrilhas”, disse ele.

O militar afirmou que notou um aumento nas prisões de mulheres envolvidas com o crime. “As meninas, hoje em dia, têm sido muito usadas no crimes, porque a princípio, chamam menos atenção da polícia. Infelizmente, algumas se apaixonam pelos delinquentes e querem mostrar que também podem fazer como eles”, explicou.

E completou: “Antes, a gente prender uma mulher era raro. Hoje, virou algo normal. Muitas vezes, elas querem dar continuidade ao tráfico quando o marido é preso, querem para pagar o advogado dele ou tirar o sustento da família”.

O presidente do Conselho Tutelar de Vila Palestina, Cariacica, Nilton Patrício Ruela, revelou que meninas de 13 a 17 anos são aliciadas e namoram com traficantes. “Elas se acham protegidas porque namoram o chefe da boca”, disse.

“São etapas. Eles começam com pequenos crimes até chegar ao ‘ápice’, que é o homicídio”

Marcelo Cavalcanti, delegado

TESTES QUE AS QUADRILHAS IMPÕEM



Roubo de veículos

O titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Vitória, delegado Paulo Expedito Amaral, contou que há casos em que os traficantes exigem que a pessoa roube um veículo. “Os veículos são uma peça fundamental e de grande importância para o tráfico, porque permitem o deslocamento rápido”, disse.

Vigiar a polícia e rivais

O cabo Porto, da Polícia Militar, explicou que, geralmente, esses criminosos começam a atuar na quadrilha, ficando nas esquinas próximas à boca de fumo, como olheiros – responsáveis por vigiar a presença da polícia e das gangues rivais na região.

Roubo a fiéis na igreja

O delegado adjunto da DCCV de Cariacica, Marcelo Alencar da Cunha Cavalcanti, contou que uma quadrilha do bairro Alice Coutinho, para testar os novos bandidos, exigia que eles assaltassem na frente da igreja.

“Eles eram obrigados a cometer o assalto na saída da igreja, porque tinha mais gente. A intenção é que eles sejam identificados e conhecidos”, esclareceu.

Homicídios

Além dos roubos e furtos, há casos

em que o criminoso precisa matar alguém para provar que tem condições de integrar a quadrilha, segundo Cavalcanti. O delegado explicou que esses homicídios são causados pela guerra do tráfico de drogas. O novo integrante de uma gangue entra nesse conflito e mata um rival da quadrilha.



Ter a própria arma

Para participar da guerra pelo controle de pontos de venda de drogas, é necessário que o bandido consiga a sua própria arma.

Uma tática usada, segundo o delegado Marcelo Cavalcanti, é assaltar vigilantes. Outra é matando um rival. “Quem matou um rival, que estava armado, fica com a arma dele”, disse o adjunto da DCCV de Cariacica.

Tatuagens

Em Cariacica, o delegado adjunto da DCCV do município, Marcelo Alencar da Cunha Cavalcanti, revelou que teve conhecimento de gangues que ordenavam que os novos integrantes fizessem uma mesma tatuagem para serem aceitos na quadrilha. O desenho podia ser uma carpa (um peixe) ou algum símbolo criado pelo grupo.

VIOLÊNCIA NA GRANDE VITÓRIA

Guerra por poder supera 240 mortos

A guerra das quadrilhas que disputam o controle dos pontos de venda de droga já deixou mais de 240 pessoas mortas apenas na Grande Vitória este ano, segundo dados passados pela Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP). O levantamento leva em consideração os relatórios feitos pelos investigadores no local do crime.

Até o dia 31 de outubro deste ano, 577 pessoas foram assassinadas na Grande Vitória. A motivação foi identificada em 344 desses crimes, onde foi constatado que o tráfico de drogas foi a causa de 242 (70,35%) das mortes nesse período.

A maioria das 577 pessoas assassinadas na Grande Vitória (167) tem entre 19 e 24 anos. Outras 153 vítimas tinha entre 25 e 34 anos quando foram mortas.

Já o número de adolescentes com idades de 13 a 18 anos executados, no período, foi de 117.

“Todos eles, geralmente, estão naqueles bairros mais violentos, que são os bairros mais vulnerá-

veis. São aqueles bairros onde falta mais coisa”, analisou o delegado titular da DHPP, José Lopes.

Boa parte desses homicídios ocorre em locais periféricos da Grande Vitória. O delegado afirmou que o que mais o deixa incomodado é a banalização da vida.

“Os próprios parentes dizerem que tinha mais que morrer ou eu chegar a um local de homicídio e lá estar cheio de crianças em volta”, afirmou ele.

O delegado considera que para evitar que o jovem entre no crime é necessário que a família esteja forte e a sua base sólida.

“Não adianta somente prender. Tem de evitar que esse jovem entre para o crime, porque depois que ele entra, ninguém quer dar emprego a ele, ninguém confia mais nele. Ele fica marcado, por isso, o jovem não pode conhecer essa vida”.

Já o professor do programa de Sociologia Política e Segurança Pública da UVV, Pablo Rosa, acredita que o primeiro passo para afastar os jovens do crime seria discrimi-



POLICIAIS da Divisão de Homicídios isolam local de crime em Cariacica: 577 assassinatos na Grande Vitória

nalizar as drogas e junto a isso a possibilidade de terem acesso aos seus direitos. “Possibilidade desse jovem se emancipar, ter educação de qualidade e acesso à informação para potencializar suas habilidades”, afirmou.

Entrada no submundo para chamar a atenção dos pais

O presidente do Conselho Tutelar de Vila Palestina, Cariacica, Nilton Patrício Ruela, contou que há casos em que os jovens entram para o mundo do crime com a intenção de chamar a atenção dos pais.

“Os próprios meninos dizem que, muitas vezes, fazem isso para chamar a atenção dos pais. Eles contam que os pais nunca deram um abraço neles”, revelou.

Outros, de acordo com Nilton Patrício Ruela, começam no tráfico de drogas por conta de influência dos amigos e a sensação de se sentir mais protegidos por estarem ao lado dos traficantes.

Já o conselheiro tutelar Almir Nascimento Vasconcelos, da regional V, de Vila Velha, localizada

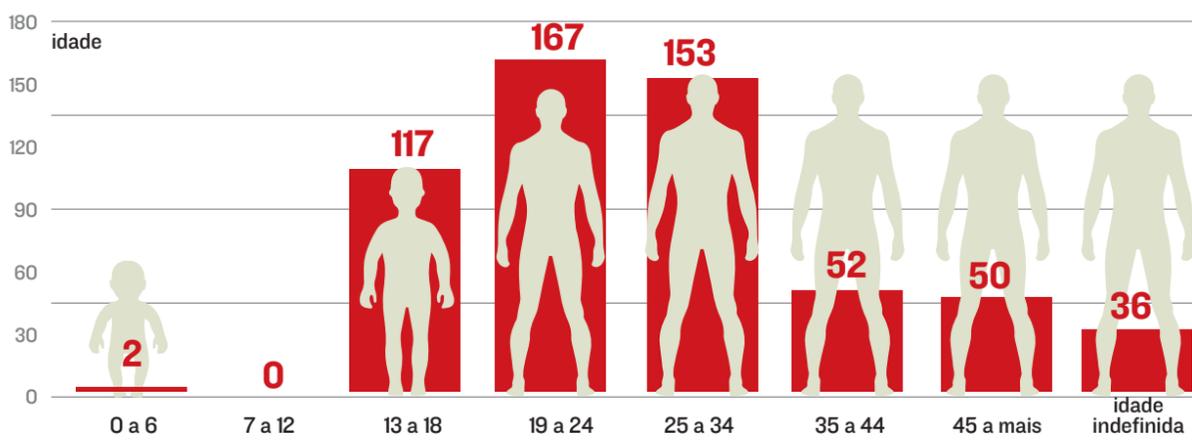
no bairro São Conrado, disse que algumas dessas crianças ainda sofrem a influência dentro de suas próprias casas.

“Eles já têm algum familiar no crime e vivenciam aquilo no dia a dia. Esses jovens têm contato todos os dias com a droga e com a arma de fogo”, observou Vasconcelos.

Além do poder, o sargento Bertulani, da Patrulha Escolar, destacou que muitos jovens entram para o tráfico com a intenção de conseguir dinheiro para adquirir bens de consumo.

“Eles querem consumir um tênis novo ou uma roupa. Como não possuem uma condição financeira boa, em sua maioria, acabam se envolvendo”, disse.

Assassinatos em 2016 Mais mortes de 18 a 24 anos



Fonte: Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP)

Adolescentes disputam posições dentro das gangues

Ao entrar nas gangues, os adolescentes passam a disputar posições de destaque dentro do grupo. O titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Vitória, delegado Paulo Expedicto, analisou que quanto mais novos os integrantes, mais incoerentes eles são.

“Essas organizações não são estáticas, são dinâmicas. Sempre que a polícia prende o chefe dessa quadrilha, outras pessoas que possuem uma função de destaque dentro do grupo, muitas vezes se acham na condição de tomar aquela boca”, explicou.

Cabo Porto, da PM, contou que, em 2015, prendeu um adolescente, de 16 anos que chefiava uma quadrilha no Bairro das Laranjeiras, na Serra. “Eles pensam: ‘Estou arriscando minha vida, por R\$ 500, e meu patrão fica com as melhores mulheres, carros, e não faz nada?’ E quando têm oportunidade tomam o lugar do chefe”.

Esporte e cultura para as crianças

Para evitar que crianças e adolescentes entrem no mundo do crime, a Polícia Militar desenvolve projetos de esporte e cultura nos bairros de maior vulnerabilidade social.

O coordenador do plano estratégico da PM e chefe do Estado-Maior Geral, coronel Jailson Miranda citou que, no Bairro da Penha, em Vitória, 260 garotos participam do projeto “Lutando pela

Vida”, no qual através das artes marciais eles interagem com os militares e com a comunidade.

O coronel é membro da Comissão Estadual de Trabalho Intersectorial (Ceti) da vice-governadoria, que visa melhorar as condições de vida dos jovens que moram nas áreas de maior vulnerabilidade no Estado, e destacou ainda os projetos “Escolinha Militar de Futebol”,

no 6º Batalhão (Serra) e o Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd), que acontece nas escolas e já capacitou quase 350 mil crianças e adolescentes, com programas de prevenção ao crime.

“Esses projetos têm dado resultados muito bons e ajudado na redução dos crimes” disse o coronel.

O secretário de Educação de Vila Velha, José Roberto Martins Aguiar, contou que o ensino em tempo integral nas escolas municipais foi ampliado. “Estamos trazendo o aluno para dentro da escola com atividades que ele gosta, como esporte e música”, disse ele.

Em Vitória, a Guarda Municipal desenvolve o Teatro de Boneco e o projeto Guarda Cidadã nas escolas da rede municipal, onde são apresentados temas, como bullying.

Já as secretarias de Assistência Social (Semas) e Cidadania e Direitos Humanos (Semcid) do município têm ações de esporte, cultura e reflexões com os jovens.

Na Serra e em Cariacica, as crianças e adolescentes aprendem modalidades esportivas e têm apoio de programas sociais.



CORONEL Jailson Miranda destacou projeto social que a PM desenvolve

ANÁLISE

Erika Silva Ferrão, professora do Mestrado em Segurança Pública da UVV



“Intervenção deve analisar caso a caso”

“É preciso ultrapassar a visão punitiva social, que somente perpetua a violência tão conhecida desde a infância. A intervenção deve analisar caso a caso e ser adaptada às características pessoais, pois a presença de certos transtornos, como os chamados “serial killers”, pode impedir um tratamento eficaz.

Investigar os motivos das infrações e delitos cometidos pelos jovens personaliza as ações, como fortalecimento do vínculo familiar, construção de novas expectativas de vida, conhecimento de novos parceiros, acesso a redes de apoio, como o realizado por profissionais da escola, e a atividades como de esportes, que concorram com os ‘ganhos’ incertos, muitas vezes fatais, obtidos com as práticas criminosas”.